

Memórias de infância, a avó paterna de JC 1885-1966 IN *AVÓS, RAÍZES E NÓS*, 2020

Em sua casa aquando do nascimento, viviam os pais, a avó paterna, duas irmãs do pai ainda solteiras e uma tia-avó que faleceria dois anos depois. Não sabe, mas toda a vida ouviu dizer, que os pais se levantavam muito cedo para irem trabalhar, apanhando respetivamente um elétrico e um autocarro para as suas deslocações que eram depois complementadas por longas caminhadas, dado que na época, os transportes coletivos eram reduzidos e o seu raio de ação limitado.

JC ficava a cargo duma empregada e da avó, que sempre considerou uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se convencera de que a família já não era rica como dantes (até 1930).

Os primeiros quatro anos da sua vida foram assim preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivia na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto. A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saíra, no entanto absteve-se sempre de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passara os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a sua maneira de ser conturbada.

As lembranças que JC guarda dessa época são mais decorrentes das fotos, vistas nos anos formativos da sua vida, das quais reteve uma memória dos eventos. O que mais persiste na sua já distante reminiscência dos factos, a que o tempo, as ficções e os aspetos místicos da imaginação acrescentaram decerto algo, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a sua avó paterna tomar sempre chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que, por vezes, convidava a acompanhá-la. Nessas alturas, e já passaram mais de seis décadas, sentia-se impante de orgulho pelo convite. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tivesse uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-se onde ficava a mobília de escritório do seu avô, que o seu pai herdara e que visualizava como sendo austera, imperial ou britânica, conforme os estados de espírito em que tal lembrança lhe acorria.

A avó de JC tinha no quarto uma pianola onde se entretinha a tocar. Deixara de fazer parte da mobília quando uma década mais tarde mudaram, desta feita duma vivenda para um apartamento, porque a sua mãe entendia que era um "mono" demasiado grande para um apartamento. Como não era dada às músicas, viu-se livre da pianola e mandou a sogra tocar em casa doutra filha, acabando o aparelho em casa duma irmã do seu pai, onde ainda hoje está..

A minha avó (paterna) estranhou a mudança da casa no Bairro Garantia, na rua do Amial para esta vivenda de dois andares na Rua de Maria Pia, mas continuou com a sua vida recatada, ocasionalmente entrecortada pela visita de primas e amigas ou convites para as visitar.

Fazia os seus tricôs e crochês, jogava umas paciências de cartas e mantinha-se à margem da casa agora que a minha mãe mandava em tudo, ao contrário do que se tinha passado na casa do Amial.

Seria talvez esta outra razão para a mudança além da do nascimento da minha irmã? Estas coisas nunca se sabem nem se discutem, não fica bem as famílias dizerem o porquê destas atitudes e eu, sempre interessado em autopsicanalisar o mundo que me rodeava, indagava-me sobre quais as verdadeiras razões destas mudanças.

As crianças sofrem muito mais com as mutações que os adultos, embora na aparência façam crer a toda a gente que gostam da novidade e de tudo o que é novo e diferente. Bem no meu íntimo, eu perdera uma primeira noção de estabilidade ao mudar para este casarão de três pisos (ocupávamos dois) e um longo quintal onde tinha o canteiro de flores do qual cuidava quando não andava no galinheiro a espantar as galinhas.

Rodeado por uns poucos adultos até então, com uns pais mais ausentes que presentes, as noções de vida haviam-me sido transmitidas através da avó paterna e de todas as suas visões adulteradas duma realidade a que ela nunca se habituaria nos seus mais de oitenta anos de vida. Iriam, pois, retirar--me desse círculo, onde a vida dos adultos se passava à minha banda e sem intervenção de maior, mas simultaneamente dependendo deles para aprender o ambiente que me rodeava, tendo que descobrir por mim mesmo, pela minha imaginação e investigação, próprias da idade, as soluções para os problemas e questões que se me punham. Os pais saindo bem cedo de casa e regressando já tarde, deixavam-me apenas o tempo, antes e durante o jantar, para interagir antes de me ir deitar pelas oito e pouco da noite, o que era manifestamente pouco para a construção do meu ego modelado em exemplos maduros paternais e maternais.

Restava-me assim, uma vez mais e sempre, a imagem da avó, das suas lendas e contarellos, das histórias de fadas e princesas que teria sido a sua vida enquanto jovem, uma vida de gente rica e influente, de que eu nunca viria a desfrutar nem a partilhar, mas que criaria no meu imaginário um modelo concecional de vida que pretendi ter a todo o custo. Assim, vi e revi imagens fotográficas e daguerreótipos do século XIX, de viagens ao estrangeiro, de tempos e locais distantes, sonhando sempre um dia poder ir e visitar tais locais de encantos tamanhos, o que viria a fazer, tendo vivido no Brasil, Macau, Timor, Bali, e na sua pátria adotiva australiana, entre tantos outros locais dos quais guardava memórias, tal como a sua avó.